

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

A palhaçaria feminista do Circo di SóLadies | Nem SóLadies

Entrevista com Kelly Lima, Tatá Oliveira, Verônica Mello
(integrantes do Circo di SóLadies | Nem Só Ladies)

Concedida à Fernanda Dias de Freitas Pimenta

Para citar este artigo:

PIMENTA, Fernanda Dias de Freitas. A palhaçaria feminista do Circo di SóLadies | Nem SóLadies. [Entrevista concedida a Fernanda Dias de Freitas Pimenta]. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.1, n.46, p.1-27, abr. 2023.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101462023e0503>



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



A palhaçaria feminista do Circo di SóLadies | Nem SóLadies¹

Fernanda Dias de Freitas Pimenta²

Resumo

O Circo di SóLadies | Nem SóLadies é um grupo de palhaçaria que costuma trazer, em suas dramaturgias, realidades e temas relativos ao universo das mulheres, de pessoas não binárias, e daqueles que são considerados corpos dissidentes, os nãoprivilegiados pelo patriarcado. Se intitulam fazedoras/e de palhaçaria feminista, preterindo o termo feminina. O grupo discorre sobre seus trajetos de formação, os paralelos entre palhaçaria e gênero, assim como suas pesquisas e vivências. O texto é fruto da primeira parte de entrevista¹ realizada com o grupo em outubro de 2021.

Palavras-chave: Circo di SóLadies | Nem SóLadies. Feminismos. Palhaçaria feminista. Estudos de gênero.

The feminist clowning of the Circo di SóLadies | Nem SóLadies

Abstract

Circo di SóLadies | Nem SóLadies is a group of clowns that usually bring, in their dramaturgies, realities and themes related to the universe of women, non-binary people, and those who are considered dissident bodies, those not privileged by the patriarchy. They call themselves feminist clowning makers, neglecting the term feminine. The group discusses their training paths, the parallels between clowning and gender, as well as their research and experiences. The text is the result of the first part of an interview with the group in October 2021.

Keywords: Circo di SóLadies | Nem SóLadies. Feminisms. Feminist clowning. Gender studies.

¹ A entrevista na íntegra está disponível no link: <https://youtu.be/eM0L9QLc5ww>

² Doutorado em Artes Cênicas, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestrado em Artes da Cena, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduação em Direito, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). ✉ freitasfefe@yahoo.com.br
🌐 <http://lattes.cnpq.br/1867774120856758>  <https://orcid.org/0000-0002-1311-4176>



La payasada feminista del Circo di SóLadies | Nem SóLadies

Resumen

Circo di SóLadies | Nem SóLadies es un grupo de clowns que suele traer, en sus dramaturgias, realidades y temas relacionados con el universo de las mujeres, las personas no binarias y las que son consideradas cuerpos disidentes, no privilegiados por el patriarcado. Se autodenominan payaseras feministas, dejando de lado el término femenino. El grupo discute sus caminos de formación, los paralelismos entre el clown y el género, así como sus investigaciones y experiencias. El texto es el resultado de la primera parte de una entrevista con el grupo en octubre de 2021.

Palabras clave: Circo di SóLadies | Nem SóLadies. Feminismos. Payasadas feministas. Estudios de género.



Um dos grupos de palhaçaria mais atuantes no Brasil é o Circo di SóLadies | NemSóLadies³, de São Paulo. O grupo⁴ é conhecido no meio da palhaçaria por desenvolver espetáculos, cenas e vídeos, com temáticas que abordam dramaturgias feministas. São criações que questionam e refletem sobre as condições de vida de mulheres e os demais oprimidos pelo patriarcado vigente. O grupo concedeu a entrevista de maneira *online*, em outubro de 2021.

O Circo di SóLadies | Nem SóLadies se intitula um grupo de palhaçaria feminista, mesmo sabendo que o termo pode gerar preconceitos em ambientes conservadores. Consideram que a palhaçaria feminista é um meio de exercer questionamentos, pois busca cobrar e pressionar a equidade entre gêneros. A hegemônica palhaçaria masculina por vezes apresenta dramaturgias que não condizem com a ideia de equidade de gênero, principalmente números da palhaçaria clássica, também chamada de tradicional.

Como relatou a palhaça Karla Concá em relação à algumas palhaçarias masculinas (Brum, 2018, p.461):

A mulher que está assistindo, muitas vezes, se sente violentada, por que as gags são sempre batendo, são sempre com um porrete batendo na mulher, ou correndo atrás da mulher, sempre colocando a mulher em uma situação de inferioridade, sexualização e submissão.

Na esteira de uma dramaturgia própria e que explicitasse seu posicionamento

³ O Circo di SóLadies | Nem SóLadies, que completa 10 anos em 2023, é um grupo formado por artistas que pesquisam a linguagem cômica na cena teatral, circense e audiovisual. O grupo foi criado em 2013 partindo da percepção de que havia ainda um pequeno espaço dado à mulher nas artes cênicas em se tratando de comicidade e linguagem da palhaçaria. Desde o início da formação do grupo, trabalham com criação de esquetes, intervenções cênicas e espetáculos com dramaturgia própria, utilizando o jogo cênico, o improviso e estudos teóricos sobre o feminismo, como elementos fundamentais para a conexão e interação com o público, estimulando imaginação para a conquista do estado da graça e do riso. O grupo criou, em 2017, um canal no *YouTube*, se aprofundando na linguagem audiovisual e conta com um repertório de espetáculos e intervenções, entre eles: o infantil "*Estupendo Circo di SóLadies*", que circulou pelo Circuito SESC de Artes 2019 e no Itaú Cultural; o infantil/juvenil "*Choque-Rosa*", com direção de Luciana Viacava, e circulou na Mostra Sesc Cariri de Culturas 2018-Ceará, o espetáculo "*A Tenda*", dirigido por Karla Concá, do Grupo As Marias da Graça (RJ). Em 2021 o grupo foi contemplado pelo Fomento ao Circo com o projeto "*Des.Cantadas o Show*", e estrearam em setembro de 2022 o espetáculo/show musical Concerto em Cores com direção de Tereza Gontijo." Texto disponível no site do Circo di SóLadies | Nem SóLadies, no seguinte [link](https://circodisoladies.com.br/): <https://circodisoladies.com.br/> Acesso em: 29 dez. 2022.

⁴ O grupo Circo di SóLadies | Nem SóLadies antes se chamava apenas Circo di SóLadies. A mudança no nome se deu em decorrência do reconhecimento identitário de Tatá, que a partir de 2021 passou a se reconhecer como pessoa não binária. Por isso, por vezes elas/ile ainda dizem, inclusive durante a entrevista, apenas Circo di SóLadies.

contrário à condição de vida daqueles que não desfrutam dos privilégios do patriarcado, o Circo di SóLadies | Nem SóLadies se utiliza de diversas ferramentas. Dentre elas, para exemplificar, algumas que são recorrentes entre palhaças: a releitura de cenas clássicas e a paródia. A releitura de cenas da palhaçaria clássica acontece, na remontagem do grupo, adotando uma ótica feminista, colocando a mulher (e pessoas *queer*) e os temas que circundam a vida dela, como elementos que protagonizam a cena. Paródia também é outro instrumento dramático bastante utilizado pelo grupo. Elas/ile subvertem músicas misóginas, machistas e/ou violentas, em obras disparadoras de riso e reflexão entre os espectadores.

A entrevista faz parte da pesquisa de Doutorado provisoriamente intitulada *Subversivas: dramaturgias feministas na palhaçaria de mulheres*, desenvolvida na Universidade de Brasília⁵, desde setembro de 2020. O estudo se baseia na análise de obras cênicas de palhaças brasileiras contemporâneas, identificando os elementos dramáticos feministas contidos nas criações.



Kelly Lima (palhaça Greice), Tatá Oliveira (palhaça Augustine) e Verônica Mello (palhaça

⁵ A pesquisa teve o apoio da Capes, de abril de 2021 a abril de 2022. No momento, a pesquisa conta com a bolsa da FAP-DF, desde setembro de 2022. A orientação é da Profa. Dra. Nítza Tenenblat.



Úrsula), em foto de divulgação do espetáculo Estupendo Circo Di SóLadies⁶.

Olá, eu sou Fernanda Pimenta, estou desenvolvendo a pesquisa de Doutorado provisoriamente intitulada *Subversivas: dramaturgias feministas na palhaçaria de mulheres*, desenvolvida na Universidade de Brasília, e estou aqui com Tatá Oliveira, Verônica Mello e Kelly Lima, do Circo di SóLadies | Nem SóLadies, grupo de palhaços de São Paulo. Sejam bem-vindes! Vou começar então perguntando, na verdade, pedindo pra que vocês façam um breve relato sobre a trajetória de vocês até se encontrarem e formarem o Circo di SóLadies | Nem SóLadies.

Kelly Lima - Eu posso começar, já que eu sou a mais velha (risos)? Bom eu sou a Kelly Lima, palhaça Greice. A minha formação acadêmica é em Jornalismo, com Habilitação em Roteiro Para Cinema, TV, Teatro e Rádio. Trabalhei durante algum tempo em agências de publicidade, na área de planejamento. E quando eu tinha trinta e cinco anos eu já tinha dois filhos adolescentes e me separei de um relacionamento de vinte anos, um relacionamento super complexo, cheio de abusos, e etc., e comecei a buscar um processo de me aprofundar um pouco mais nas histórias e tentar, dentro desse aprofundamento, buscar também uma posição profissional, porque a publicidade já não me atendia. Eu precisava de um lugar onde eu pudesse transcender toda essa vivência de trinta e cinco anos, que eu tinha na época, e que eu precisava de mais espaços. Então eu comecei fazendo cursos de teatro, contação de histórias, até chegar na linguagem da palhaçaria. E a partir daí foi um apaixonamento, um encanto total, e eu comecei a me aprofundar cada vez mais e decidi que era isso que eu queria fazer mesmo, né?!

A princípio eu falei “ah, vou trabalhar como produtora cultural”, sempre pensei muito nos bastidores, assim, porque eu achava que o palco não era o meu lugar, achava que era muita exposição pra mim, e etc. E aí eu fui percebendo que havia um magnetismo pra estar ali no palco, pra olhar para o público, pra compartilhar com parceiros de cena... Então eu fui me encantando cada vez mais, e eu fui me jogando cada vez mais, até que rompi completamente com a publicidade e me tornei uma palhaça profissional. E é isso, passei por alguns grupos, tanto de teatro quanto de palhaçaria. Tive um processo também onde

⁶ Fonte: <https://muralzinhodeideias.com.br/programese/criancas-emcasacomseisc-recebe-o-espetaculo-estupendo-circo-di-soladies/>



trabalhei muito como voluntária, como palhaça de hospital. Aí conheci Tatá numa das escolas, em uma das formações. E a gente trabalhou juntas num grupo de palhaços de hospital e quando esse grupo acabou, eu fiquei meio órfã, assim, e aí eu pedi abrigo, e foi isso. Me aceitaram! (risos) Agora eu passo a palavra.

Veronica Mello - Vou pegar tá, porque eu sou a segunda mais velha! (risos) Que besta isso (entre dentes, com ironia)! Bom, eu sou formada em Artes Cênicas pela UNICAMP, eu formei em noventa e cinco – isso revela idade (risos)! E aí, desde que eu me formei eu participei de diversos grupos de teatro, meu foco era a pesquisa de... eu fui pesquisar bastante a questão da performatividade por um bom tempo, assim. Narratividade e performatividade no Teatro. Aqui em São Paulo eu participei de vários grupos de teatro (com ênfase em “teatro”). E como que apareceu a palhaçaria na minha vida: antes de eu começar a falar da palhaçaria, eu também fiz pós graduação em Técnica Klauss Viana, que eu gosto muito dessa pesquisa do corpo, do ator, da atriz, de atroz... Do ator em cena, né, dessa questão do corpo, como que esse corpo pode transformar, criar novas relações, então por isso a performance me pegou muito assim, a performatividade, e aí eu participei de vários grupos pesquisando isso. Na UNICAMP, a minha relação com a palhaçaria se deu dentro da UNICAMP mesmo, e depois com pesquisas, né?! Tinha o Lume ali do lado, eu nunca fiz o Lume, mas tinha muitos colegas que faziam e eu assistia muito. E aí eu vim vindo, né, dentro da pesquisa da performatividade, dessa relação que eu acho que a palhaçaria se conecta muito. E aí eu fui pesquisando, aí eu conheci Tatá, que a pessoa que é ‘mie companheire’ – é difícil falar essa palavra assim! (se referindo ao não binarismo de Tatá).

Tatá - Minhe.

Verônica - Minhe companheire! (risos) E aí assim, acho que o conhecimento da palhaçaria se deu muito empiricamente, muito praticamente, e também a partir de vários cursos que eu fui fazendo, e como Kelly também, né?! Então, até chegar no Circo di SóLadies, eu já tava no olhar de fora do Circo di SóLadies, sem estar no grupo ainda. Fiz o olhar de fora, tipo Tatá e Lilian iam fazer lá um espetáculo, performance, intervenção, e eu ficava de fora e falava “oh, porque vocês não trabalham isso...” Tipo o olhar de fora “pitaquento” (risos), e dali, em 2016, eu, Kelly



e Vanessa entramos pro grupo. Depois a gente pode falar, quando a gente for falar da formação do grupo. E aí que eu acredito que se deu a formação da minha palhaça. Meu nome é Verônica Mello e a minha palhaça se chama Úrsula, e essa palhaça se fez na prática mesmo, essa palhaça como ela é. E no estudo do teatro, porque eu acho que o teatro me interfere muito, o tempo todo assim. Eu posso dizer que eu sou uma atriz/palhaça (diz se entreolhando com Tatá).

Tatá - Ou uma palhaça atriz? É uma questão (risos)...

Verônica - Primeiro eu sou uma atriz, pra depois ser palhaça. A ordem dos tratadores influencia no viaduto! (risos) E é isso, eu passo a palavra.

Tatá - Tá. Eu sou Tatá. Eu, antes de trabalhar com teatro e palhaçaria, eu era designer. Eu nunca tive uma formação acadêmica até então. E eu sempre fiz cursos técnicos, inclusive em Design (risos)! Aí eu consegui trabalho, trabalhava em empresa, em agência e tal, mas esse lado artístico sempre foi me provocando assim, e eu, meu sonho era fazer alguma coisa de teatro, mas eu achava que só quem fazia teatro eram pessoas ricas. (risos) É gente! Aí eu descobri um negócio chamado Teatro Vocacional, em São Paulo, que é tipo um baita projeto incrível, assim, e aí eu entrei. Ele é feito em equipamentos públicos da cidade de São Paulo, e é um (para Verônica) você pode me ajudar a falar – porque a Verônica deu aula nesse programa... mas é meio amador, só que não é amador, assim. Você entra pra fazer teatro e tal e aí segue, né, tendo uma pesquisa política sobre o seu espaço nas cidades, sabe? Então é bem legal, assim... (Verônica pede a palavra).

Verônica - A ideia do Vocacional vem do processo do amador mesmo. O amador no lugar do amor, porque amador vem do amor, de fazer por amor. E a ideia do Vocacional, de vir com esse nome, tem a ver com a pesquisa de tirar o preconceito e o peso que vem desse lugar do amador. A palavra amador vem com um peso negativo absurdo, assim. Mas amador é uma palavra linda, né, que vem de fazer com amor, por amor. E aí o Vocacional surge nesse lugar, de trabalhar com pessoas de diversos desejos. E de pensar que a pessoa pode ter um processo emancipatório em relação a arte, se apropriado do fazer artístico de acordo com a sua formação e com seu desejo. Principalmente aí é uma escolha do caminho, do percurso, né?!



Tatá - Pois bem, esse programa vocacional me picou e aí eu fui imbuída pelo teatro, (risos)! Aí eu quis me profissionalizar, eu comecei a trabalhar com grupo que foi contemplado pelo Fomento ao Teatro de São Paulo, que era uma lei muito importante, né, de fomento de política pública na cidade, e aí eu entendi que eu queria trabalhar com isso, comecei a trabalhar com isso. E aí no meio do caminho surge a oportunidade de prestar a escola dos doutores da alegria, que era uma formação de palhaço para jovens, na época era jovem – que era só até vinte e quatro anos, não, era até vinte e três – e eu tava, tipo, eu ia fazer vinte e quatro. Aí eu prestei a prova, entrei e aí fiz dois anos de formação em palhaçaria. Aí em seguida, quando terminou, eu entrei na SP Escola de Teatro, em São Paulo também, que é uma escola pública, e aí eu comecei a fazer atuação. Então eu tive uma formação meio de quatro anos, mas uma formação técnica, e conseqüentemente no meio dessa formação surgiram o Circo di Sóladies | Nem SóLadies, em 2013. Eu tava já me formando na SP quando me juntei com Lilian Teles pra criar o Circo di Sóladies que é a próxima pergunta e eu respondo daqui a pouco. E aí, mesmo criando o Circo di Sóladies a gente ainda trabalhava com muitas coisas, então a minha trajetória é com produção, técnica de palco, palhaçaria, artista de cena, tipo tudo, né, que a gente vai se enfiando nessa arte cênica, que às vezes não conseguimos fazer só uma coisa. Mas é esse lado artístico assim, no caminhar. É isso.

Verônica - Ah, e você vai falar da sua faculdade?

Tatá - Ah, é verdade, agora eu tô fazendo faculdade, olha só! (risos) Eu tô fazendo faculdade de Sociologia e Política, mas tô no segundo semestre, ainda tem chão! (risos)

Kelly - Que aliás tem tudo a ver com a palhaçaria, né?!

Tatá - Sim. Ainda mais neste momento do mundo!

Quais foram as mais importantes fases do grupo pra vocês?

Tatá - Eu vou começar falando. Por que essa pergunta sou eu sempre que respondo primeiro! (Risos) Bom, o Circo SóLadies surgiu em 2013. Eu e Lilian Teles que pensamos, porque na época, né, mas eu acho que isso ainda é uma coisa recente que a gente vai trazendo nas outras perguntas, assim, mas que havia



pouco espaço dentro da palhaçaria para mulher palhaça. Então a gente foi chamades para fazer uma intervenção dentro de um evento que era sobre mulheres palhaças. E aí, a gente levou uma intervenção que era chamar mulheres para fazerem parte do circo. E aí se criou no nome Circo di Sóladies pra essa intervenção. Aí, o nome funcionou muito para essa. E as pessoas falavam “gente que nome bom!”, “tá rolando”, daí a gente falou “ah, porque que a gente não monta um grupo?” Oh, lembrando que memória é uma coisa muito doida, né, que ela se transforma. Então, pode ser assim que para mim tenha sido um pouco isso, masque para Lilian tenha mudado também. Então essa é a memória que eu tenho, sabe?! Enfim, a gente fez essa intervenção, virou o nome do grupo e ficou. E aí, desde então, a gente apresentava intervenções nos lugares que chamavam, sempre com essa ideia de olhar pra esse espaço da mulher palhaça dentro da palhaçaria. Aí, isso foi em 2013, ou seja, a gente tá com oito anos aí de história. Em 2016, entraram para o grupo Kelly, Verônica e Vanessa Rosa. Aí a gente montou os primeiros espetáculos juntas, a gente a gente criou o nosso canal do YouTube em 2017, criou o primeiro espetáculo também em 2017, o *Estupendo Circo de Sóladies*, porque até então a gente só tinha intervenções e ações meio que em grupo, né, cortejo, essas coisas assim, tipo, mais rapidinhas. E aí a gente foi entendendo como era a nossa linguagem enquanto o grupo. O que a gente tava querendo dizer. A gente sabia que era, tipo, que espaço é esse que não deixam a gente entrar, e que a gente tá querendo entrar, né, era isso que a gente sabia. Então o canal teve muito esse foco, de dar visibilidade à gente e a outras pessoas também, que não tivessem, né?! Aí a criação do espetáculo infantil, a gente desconstrói músicas infantis e histórias infantis, então, já repensar também o que construiu a gente como ser no mundo a partir da infância, questionando este lugar - que até então a gente não se dizia feminista, mas que já tava tudo ali, né, o desejo de questionar essas estruturas. E aí...

Verônica - A gente não se dizia feminista enquanto coletivo. A gente sabia que era feminista individualmente, mas o grupo falava, a gente falava palhaçaria feminina naquele tempo. Até porque tinham poucas...

Tatá - Até porque era o que a gente conhecia: palhaçaria feminina. Que era algo que tava começando a eclodir, já tinha encontro de palhaçaria feminina. Aí,

em 2017 também, a gente foi contemplada no final do ano por um projeto público pelo Estado de São Paulo, que é o PROAC, pra montar um espetáculo novo, que se chama *Choque Rosa*...

Verônica - *Com Que Armas Lutamos*.

Tatá - ... Ou *Com Que Armas Lutamos*. Em 2018 a gente montou ele. E esse espetáculo, você falou pra falar das fases, assim – eu acho que esse espetáculo ele traz muito um divisor de águas pra gente como grupo. Que foi um espetáculo que, aí a Vanessa saiu no começo desse *Choque Rosa*, até então éramos quatro no grupo, né, depois que a Van saiu, e aí éramos ali naquele momento três mulheres brancas e uma mulher negra. Três mulheres cis brancas, e uma mulher cis negra ali, nesse conjunto de grupo. E aí, nisso, a gente tinha uma dramaturgista feminista, que era o nosso desejo, ter alguém que provocasse essa dramaturgia feminista dentro da palhaçaria, porque a gente também não via isso na palhaçaria, sabe, no sentido de entrar em meandros, em delicadezas, assim, que não estavam sendo ditas. Inclusive, eram quatro mulheres cis, mas havia ali a diversidade daqueles corpos que não são tratados da mesma maneira dentro da sociedade. E isso foi pra dentro do espetáculo, isso foi muito forte pra gente como grupo, né, muitos entendimentos, muitos estudos, muitas dores, muitas revisões de quem a gente era, como a gente se constituía. Então, por isso eu digo que foi um divisor de águas como um grupo feminista. Como um grupo, é isso! Porque como pessoas nós já éramos, cada uma no seu grau ali, né. E aí a partir do *Choque Rosa* a gente começou a entrar numa potência e dizer “tá, é isso que a gente quer dizer pro mundo, como a gente vai dizer tudo a partir daqui”. Porque eu acho que o *Choque Rosa* veio pra ensinar muito a gente, porque tipo, “olha, numé tudo igual”, não é porque é palhaçaria feminina que tá todo mundo no mesmo balaio. Não é porque é palhaçaria feminista que é tudo igual, sabe, tipo “ah, vamos lá fazer a cena e tá tudo lindo”. Não! Tinham questões e a gente queria colocar essas questões em cena. Porque a gente poderia escolher não falar. E a gente entende que a gente enquanto grupo queria falar. E a gente entendeu que em todos os nossos trabalhos posteriores a isso, isso aconteceu!

Verônica - E retrospectivamente também, porque até o próprio espetáculo que a gente já tinha, que é o *Estupendo*, que já era questionador de várias coisas,



a gente a partir desse olhar também, a gente também começou a rever algumas questões desse espetáculo, então ele começou a se transformar. Tanto é que esse é o espetáculo que a gente mais faz e o que mais se transforma na história da humanidade do grupo (risos).

Tatá - Eu acho que é isso, assim... Aí depois a gente criou *A Tenda*, que é um espetáculo que a gente trata sobre a violência doméstica. A gente tem várias intervenções, como, por exemplo, a gente tem o cortejo do carnaval que a gente faz a desconstrução de várias marchinhas, que muitas são machistas, homofóbicas, transfóbicas, sabe, tipo, tudo num repensar tudo o que já tá dado pra gente, e usar a palhaçaria como uma ferramenta dentro desse... e eu acho que é um desafio, né?! É um desafio, porque o feminismo vem de um lugar muito cabeçudo, de um lugar muito teórico. E realmente pra gente estudar o feminismo é teoricamente. E a gente faz um pouco esse trabalho de fazer esse caldo, e aí, às vezes, a gente também é cabeçude, a gente percebe e a gente não liga de ser cabeçude, sabe, tipo “ah não, vamo enfiar ali mesmo um negócio pra fazer isso dar um caldo de pensamento”. E, às vezes, a gente vai ali no número clássico mesmo e brinca com o número clássico que já funciona. Um pouco isso, assim.

Verônica - Mas acho importante falar dessa fase que a gente está agora, que é de questionamento do próprio nome, do próprio lugar de Circo di SóLadies, porque hoje nós não somos apenas ladies, né?!

Tatá - Eu vou falar então (risos). Eu, Tatá, sou uma pessoa não binária – e uma pessoa trans não binária, então eu não me entendo mais como uma pessoa cis – então a gente tá neste momento. Eu acho que a palhaçaria feminista nos faz olhar pra esse lugar com uma leveza, né, no sentido de: são os processos que a gente tá vivendo e como a gente repensa os nossos espaços já dados, que até então estavam dados e agora não são mais, e eu acho que isso faz parte de qualquer ser, né?! Eu acho que o feminismo vem positivamente pra gente também nesse sentido, de olhar pra individualidade de cada pessoa e entender, tipo, agora a gente tá nesse processo de mudança de nome, que a gente não sabe ainda nesse momento que vocês estão vendo. (risos).



Vocês atuam num contexto predominantemente dominado pelo patriarcado, a palhaçaria – assim como a vida, né?! Quais as maiores dificuldades encontradas por vocês no dia a dia? Vocês já passaram por algum episódio misógino ou machista? E se sim, como é que foi?

Tatá - Eu não vou responder essa, eu só queria dizer que eu esqueci de contar uma coisa. A Lilian saiu em 2019 do grupo, e aí a constituição atual somos nós três. É isso, eu acho que era importante porque tem a ver com a trajetória, né?!

Verônica - E a gente tem uma palhaça maravilhosa que participa do *Choque Rosa*, que é a Loi Lima. A palhaça Ursa Maior, que é maravilhosa, incrível! (Para Kelly) Ké, responde essa aí! (risos).

Kelly - Bom, acho que as principais dificuldades dentro desse sistema hegemônico patriarcal é... são muitas na real, mas acho que assim, vou começar falando dessa questão dessa equidade mesmo de tratamento que a gente recebe na participação de eventos de circo e de palhaçaria. Hoje, depois que a gente fez a... desde o início da pandemia, a gente criou o projeto *SóLadies Entrevista*, que já existia antes da pandemia, e a gente passou a fazer lives, etc., e durante a pandemia foram mais sessenta entrevistas que a gente fez. A gente trouxe muita gente. Gente que a gente conheceu nos festivais, que a gente conheceu através das redes sociais, e a gente percebe que existe uma diversidade gigantesca, e que, muitas vezes, esses eventos ditos tradicionais do circo ou da palhaçaria não abarcam, né?! Então, são muitas pessoas! É uma diversidade muito grande e o que a gente percebe muitas vezes, é que a gente ainda é tratada como cota dentro desses eventos. Tipo, “Ah então tá, vamos chamar aqui um grupo de mulheres palhaças, uma palhaça, ou palhace”, entende? Ainda existe essa predominância cis, masculina, branca, hétero, etc. E dentro desse contexto também a gente percebe que existe uma diferença de tratamento, por exemplo, na hora da contratação. A gente teve um episódio que pra gente foi até muito chocante e a gente tem ele um pouco entalado na garganta até hoje. Quando a gente foi contratada pra um evento fora de São Paulo, e aí por acaso a gente recebeu a informação errada. Mandaram um e-mail pra gente e a gente descobriu que um palhaço que estava fazendo um espetáculo solo estava recebendo o dobro do cachê de nós três juntas! E ele tava recebendo passagem aérea, hospedagem, etc., e a gente tava indo por conta. Então



isso é uma grande diferença, sabe?! Isso faz total diferença dentro de um grupo que está se posicionando e abrindo espaço para trabalhar profissionalmente. Então daí vem, a gente já ouviu, a Vê lembra – tipo “ah, porque a palhaçaria feminista, ou feminina, ou qualquer palhaçaria que não seja a tradicional masculina cis, branca, hétero, etc., não tem tanta qualidade?”. Como, quando e de que forma vamos ter se a gente não é bem remunerado, se os espaços não são abertos pra gente? De que forma a gente vai conseguir essa qualidade toda, essa dita qualidade toda, se a gente tá sempre trabalhando na cota, a gente tá sempre sendo considerado como cota. Eu acho que isso daí é uma das coisas que a gente sente ainda bastante...

Verônica - Só um à parte, pra complementar algo que você (Kelly) disse. Além dessa questão de ter espaço pra poder estar nos lugares, que tipo de palhaçaria é considerada boa? Qual é a palhaçaria que essa pessoa que me disse isso “ah, eu sou super a favor dos encontros de mulheres palhaças... mas sabe, tem muita coisa pra melhorar na qualidade”, qual é a qualidade, né, que essa pessoa especificamente, ou que essas pessoas que trabalham dentro de uma palhaçaria cis hétero normativa masculina tá querendo dizer?! Que tipo de qualidade é essa, só pra deixar uma pergunta. Porque além das pessoas, desses corpos que são subalternizados não terem espaços de fala dentro da palhaçaria como um todo, que palhaçaria que é considerada boa? Porque tem a questão do treino, mas também, o que é a palhaçaria boa, né? Essa palhaçaria do sistema, que palhaçaria é essa?

Kelly - É um medo, né, de perder o seu lugar ao sol...

Verônica - É, eu quis trazer isso porque eu acho importante pensar. Depois tem uma outra pergunta que eu não sei se vai ser a próxima, mas que eu pensei em falar na questão de, porquê uma é palhaçaria feminina, palhaçaria feminista, palhaçaria negra, palhaçaria não sei que, e a outra é palhaçaria? Quem é essa palhaçaria?! Quem se diz dono do sistema? Quem diz o que é bom e o que não é bom? O que é bom afinal? É bom você fazer uma esquete clássica, onde você vai lá e faz aquele jogo da pulga, que a pulga é imaginária e ela tem que ir de uma cabeça pra outra, e aí você faz uma chacota primeiro com a careca de uma pessoa, e depois você faz uma chacota do cabelo de uma criança negra, onde



you se embaralha (faz gesto da mão presa nos cabelos) e faz como se a pulga tivesse se escondido ali dentro, sabe?! Esse é um número clássico! Que palhaçaria é essa que é dita boa? Ou quando eu pego uma mulher cis e coloco ela no palco para olhar o corpo dela e ficar objetificando ela? Ela entra lá só pra isso! Ou, que palhaçaria é essa que coloca duas crianças – uma pessoa criança dita como menina, e uma pessoa criança dita como menino, porque são conceitos estabelecidos, e fingem no finalzinho que eles são namoradinhos? Sendo que são apenas crianças! Esse lugar... que palhaçaria boa é essa? Essa mesma pessoa que falou dessa palhaçaria boa faz essa palhaçaria também.

Kelly - Gente tudo isso aconteceu no mesmo dia! Eu tô aqui lembrando... (risos) Foi uma overdose! (faz cara de espanto).

Verônica - Então, é isso, além dos corpos subalternizados não terem espaço pra ocupar e treinar para chegar num nível técnico que é considerado bom, mas quem é esse bom? Será que eu quero chegar nesse “bom”? Não sei se eu quero chegar nesse bom... Eu quero outro bom! Passo a palavra Kelly, desculpa por esse “à parte”.

Kelly - Não... obrigada! E eu acho que isso daí também faz a gente lembrar bastante desse processo de desconstrução mesmo, né?! Se a gente tá ali em cima no palco, a gente tá se expondo, trazendo coisas, de que coisas a gente vai falar? Vai falar das nossas dores e de nossos prazeres, ou a gente vai continuar pegando esses corpos, essas pessoas, essas existências que já são oprimidas, pra subir e oprimir um pouquinho mais em busca de um riso, que é um riso fácil, que é um riso que tá... Gente é muito bom dar risada! É muito bom, é importante rir, mas do quem que a gente ri? Pra quem que a gente ri, como a gente faz rir? É muito importante, acho que existe uma responsabilidade muito grande quando a gente fala de palhaçaria feminista eu acho que vêm essa coisa da responsabilidade junto. A gente sabe da importância do riso, sabe que o riso é importante, é libertador, ajuda a gente a se conectar com a terra, com o universo, com as outras pessoas e tal... e que riso é esse que a gente busca, né? Que riso é esse que a gente traz? Então, dentro das nossas dificuldades, ter essa classificação de uma palhaçaria dita tradicional, e a gente vir quebrando, e a gente saber que por conta disso a gente recebe muitas críticas, muitas vezes destrutivas, que não ajudam a gente a



crescer e que só mostra que está causando insegurança ou uns espaços de desconforto dentro de um ambiente que é dito tradicional e etc., etc. E aliás, a gente brinca bastante com isso, de desconstruir esse tradicional, ou de questionar esse tradicional. Quê que é a tradição e o quê que essa tradição faz com a gente? Eu acho que é isso, e acho que dentro desse lugar, dessa mesma questão que agente tinha já até lembrado, tivemos uma cena que foi bastante marcante pra gente, que foi no dia da mulher, que a gente teve a apresentação do *Estupendo Circo di SóLadies*, e tinha uma plateia bastante grande, acho que devia ter umas duzentas pessoas, por aí... muitas crianças, muitas famílias. E aí num determinado momento Augustine joga a pergunta pro público! Qual foi a pergunta? (jogando pra Tatá).

Verônica - (percebendo) É pra desconstruir nossa briga.

Tatá - (não entende que era com ela) ãn, o quê?! Ah... Gente, desculpa, é que eu sempre esqueço quando a Kelly joga pra mim. Qual é a pergunta que eu faço na peça?! (muitos risos!) Bem, elas brigam a peça inteira, né?! E no final elas viram estátua e eu pego o público e pergunto “gente, vamos resolver isso aqui? Quebrar esse ciclo... Me dá uma solução pra elas pararem de brigar”. (Para Kelly) Posso continuar a história, ou você quer contar?

Kelly - Por favor!

Tatá - Aí né, na época a gente podia chegar perto das pessoas sem máscara e tal (risos), isso foi inclusive uma semana antes de parar tudo (referindo-se à pandemia), foi em 2020, ano passado. E aí eu vou nas pessoas, as pessoas vão me falando e eu falo no microfone mais alto pra todo mundo ouvir. Aí eu cheguei num senhor, né, que queria muito falar! Ele levantou a mão, eu fui até lá, ele virou e falou assim: “mata elas” (Tatá faz cara de espanto). Aí eu: “Péra aí, o senhor tá falando isso mesmo? O senhor tem certeza que eu vou repetir o que o senhor tá falando?”. Ele disse: “Sim, tenho certeza”, eu ainda dei a chance dele mudar de ideia... Só que isso foi tipo aquele momento de palhaça, sabe, que você fala “ferrou!”, como resolver isso? Você em cena ali, sabe, um monte de criança... Cara, era o dia da mulher, entendeu?! Será que o cara sabia o significado disso?

Perde a fé na humanidade nessa hora!



Tatá - Total! Aí eu virei e falei assim “olha gente, ele disse que é pra matar elas”, tipo, eu assim com muita dor no coração de falar isso alto, mas eu também achei uma ação necessária, sabe, de expor. Porque ali eu estava bem em segurança, né, no sentido de era uma peça, mas ao mesmo tempo olha a exposição que esse cara diz friamente “ah, mata elas!”, é uma piadinha, né, vamos continuar brincando? (com deboche e ironia).

Verônica - É o tio do pavê, né?!

Tatá - É. Tipo, o famoso cara que solta uma piada porque ele precisa ser mais engraçado do que três palhaças, que na época estavam no palco. Ele precisava ser mais engraçado. Esse foi o resumo da história. Ele queria fazer uma piada, só que a piada foi um tiro no pé, porque parece que ele não prestou atenção no espetáculo inteiro e no que a gente tava questionando! E aí meio que a plateia se virou contra ele! Todo mundo! (risos) Tipo, umas meninas indignadas assim, e eu segui perguntando pra outras pessoas porque eu preciso achar uma resposta que caiba, sabe! Então eu falo “não, não, não, a sua resposta não funciona, beijo querido”, e aí fui procurando outras pessoas e tal. E aí no fim, acabou o espetáculo e a gente ficou meio chocades, mas a gente não tinha muito como conversar ali. Aí meio que terminou, a gente agradeceu, falou que era dia da mulher, aí a gente deu meio que um sermãozinho ali naquele final, tipo “gente, dia da mulher, é importante respeitar...” a gente falou todas as coisas, e tal. E aí no final de tudo, a gente recebendo as crianças e tal, ele vem com a esposa dele, tava com a esposa ao lado – e ele pediu desculpa. Só que aí é assim, né, ele falou no público e pediu desculpas no privado. Que é um questionamento nosso também como grupo, sabe?! O quanto a fala dele pode trazer uma violência que pode matar! Pode não, mata. Esse discurso. E quando ele diz essas desculpas no privado as pessoas não escutam... É óbvio que a gente gostou que ele veio pedir desculpas, a gente acha justo. Mas é isso, esse lugar do público e do privado, né?! Onde a piada dele foi pública e a desculpa foi privada. Então acho que nesse episódio a gente ficou bem chateades assim, meio que perdemos a fé na humanidade. Mas depois agente também escutou coisas muito boas, vieram mulheres junto falando “cara, eu não acredito que esse cara falou iss, que bom que vocês estão fazendo esse trabalho!”. E a gente sentiu que isso era super necessário.



E mexeu com ele né, porque pra ele ter... pra uma pessoa que fala uma coisa dessas ter ido pedir desculpas depois, mesmo que no privado, já é um movimento, né? Já sai do estático ali.

Kelly - Minimamente ele já vai pensar duas vezes antes de fazer uma piada, antes de querer parecer o mais engraçado da situação toda. Eu acho que minimamente isso. Eu acho que até a piada do tio do pavê no natal ele vai repensar! (risos).

No número *Não Pode Beijar Aqui*, vocês partem de uma cena clássica do circo tradicional e por meio da dramaturgia tecida vocês evidenciam a estrutura opressora e intolerante da nossa sociedade. E vocês costumam se utilizar desse recurso, né, de revisitar as cenas clássicas, geralmente com discursos e ideias patriarcais, para apresentar uma perspectiva que amplie a visão sobre a existência dos direitos de pessoas oprimidas. Vocês revisitam os contos de fadas também, as histórias infantis. Como surgiu essa ideia de revisitar essas cenas e essas histórias? E como foi o processo de criação?

Verônica - O *Estupendo Circo di SóLadies*, né, que a gente faz isso e em outros espaços também. Bom, vou começar pelo processo da cena *Não Pode Beijar Aqui*, que é uma outra cena, e depois a gente fala do *Estupendo*, que é onde a gente desconstrói as músicas e as histórias, contos de fada. Bom, no *Não Pode Beijar Aqui*, a gente pega um número clássico, né?! Os números clássicos da dramaturgia tradicional palhaçística estão documentados em livros que deveriam ser tirados de circulação, porque esses números clássicos, apesar de funcionarem, no sentido do formato de tempo cômico, eles muitas vezes estão reforçando estereótipos e situações de opressão, né, contra corpos subalternizados, como corpos negros, corpos gordos, mulheres, mulheres trans, mulheres cis, pessoas não binárias, pessoas gays, lésbicas, faltou alguma diversidade? Num sei... Ah, capacitistas! Tem muitas cenas e números clássicos com cenas de assédio, tem cenas de abuso, de indução ao estupro, porque a pessoa tá dormindo, né?! O número da *Sonâmbula* (nome de uma esquete cômica clássica na palhaçaria), é um número que a palhaça tá dormindo, a mulher, que não é necessariamente palhaça, que tá fazendo, às vezes é um homem que faz, mas representando uma figura mulher cis, está dormindo e esses palhaços vão levá-la pra dentro, porque

ela está dormindo, se aproveitam do fato dela estar dormindo pra tentar fazer algo, né?! Então, são números que estão aí na história, na tradição, e muitas vezes são reproduzidos sem nenhuma reflexão. E aí, no *Não Pode Beijar Aqui* a gente desconstrói um número que é *Não Pode Tocar Aqui*, que na sua estrutura eu não vou lembrar direito como é, porque a gente já aprendeu ele desconstruído de alguma forma, ele não trazia o machismo estrutural. Mas a gente vai pra ele pra...

Tatá - Mas essa cena traz a coisa hierárquica (“do chefe”, diz Vêronica), da pessoa que manda naquele espaço, tipo “você não pode estar aqui, você não pode estar ali”. Bom, “não esteja em nenhum lugar. Morra!” (riso irônico)... Tudo bem, você não tá falando exatamente disso, mas é mais ou menos isso, sabe. “Desapareça!” (risos).

Verônica - E aí, a gente traz pra falar desse lugar da nossa existência, com mulheres lésbicas que estão ali existindo. E aí a gente faz o *Não Pode Beijar Aqui*, então, a gente pega esse número, e tem uma figura que é autoritária, que a Kelly faz muito bem, assim, essa figura autoritária do mundo atual contemporâneo... (risos e olhares cúmplices e irônicos). A gente pega falas que a gente ouviu historicamente em jornais e coloca na boca dessa figura pra representar essa situação opressora, e coloca em um número clássico, com uma dança clássica e uma música clássica, pra falar sobre o clássico! E aí entram duas bailarinas (faz sinal de entre aspas), duas pessoas bailarinas que vão dançar e no fim se apaixonam e se beijam. E não podem beijar aqui, aí não pode beijar aqui, nem ali, e a gente vai mudando de lugar. Ao fim, você vai ver a cena, porque não pode contar o final da cena (risos). Aí a gente beija loucamente, resumindo.

Tatá - E depois faz uma música ainda, que é a marchinha do carnaval, do, como chama mesmo? Maria Sapatão!

Verônica - É uma desconstrução também de uma música clássica do carnaval que reproduz a repressão sobre as mulheres lésbicas, que é a Maria Sapatão. A música especificamente é bastante lesbofóbica e coloca esse lugar objetificadoda pessoa lésbica. Aí a gente tem essa desconstrução dessa marchinha que a gente coloca no final, pra fechar com a desconstrução da figura autoritária, que é o caso da figura que a Kelly representa. Porque a gente faz essa própria



peessoa entrar na dança e ela vai se desconstruindo. Porque o nosso sonho ideal de grupo é entrar nesses ouvidos reacionários e transformar, fazer esse pessoal tirar um pouco a roupa, sabe (risos), tirar essa carcaça social estruturada.

Tatá - Acho que tem uma coisa também dessa cena que a gente foi provocades como grupo, num provocamento de palhaças, na época quando eu me entendia como palhaça, de “ah, porque vocês estão se beijando?”, “Palhaça não beija, não tem beijo...” . E aí, assim, a gente já viu diversos espetáculos de casais hétero cis, assim, né, que tem uma relação amorosa e ninguém fala nada, entendeu? Acontece, eu já vi beijo em cena e não tem problema. E quando eu e Verônica se beijou na época, teve um questionamento, a gente falou “peraí, gente!” Eu adoro usar isso, sempre trago essa frase, vou trazer de novo, desculpa Kelly e Verônica, que sempre escutam (risos)... Mas é assim, gente, se ser palhaça sou eu em outro estado, porque que a minha sexualidade não estará também em mim como palhaça, sabe? Porque que aqui eu preciso inventar? “Mas não era eu em outro estado”? Em outro estado hétero, cis, branco... imaginário! “Não invente moda na palhaçaria! Não quebre as regras, não pode!” E aí a gente falou “putz, não pode?”. Esse não pode é o que a gente vai fazer!

Verônica - Isso foi estímulo para a criação desse número inclusive. Esse “não pode beijar”, esse beijo que era lésbico, que nós tivemos que ouvir, mas éramos duas pessoas se beijando, né?! E aí que...

Tatá - Quer falar do *Estupendo*?

Verônica - É eu ia passar pra Kelly, se Kelly quiser falar, se não, eu posso falar...

Kelly - Peguei, peguei! (se referindo a pegar a palavra). Bem, o (espetáculo) *Estupendo* foi o nosso primeiro espetáculo e ele surgiu bem num período que a gente tava na montagem do espetáculo *Choque Rosa*, foi um desafio pra gente. E aí, pra construir a dramaturgia do *Estupendo* a gente fez uma chuva de ideias, né, também conhecido na linguagem marqueteira publicitária como *brainstorm*. A gente fez aquela chuvinha de ideias e cada uma trouxe uma ideia de cena e a gente foi montando a dramaturgia a partir dessas cenas, e é um espetáculo que permeia bastante a questão da rivalidade feminina que é uma construção social também,



né, de como as mulheres disputam, como as mulheres se odeiam e etc. E aí, como que isso se constrói dentro dessa sociedade, né? A partir de contos de fada, de músicas, das próprias cenas clássicas do circo, etc., etc. E aí a gente veio com a proposta de pensar em como essa dramaturgia poderia se desenvolver. E dentro dos contos de fadas vieram muitas memórias da infância também. Então de quem são essas princesas, o que elas almejam? Etc., etc. Depois teve as músicas infantis também. O que essas músicas dizem e como elas poderiam ser diferentes? Então a gente foi criando essa dramaturgia a partir desses questionamentos. Que eu acho que é isso que a Vê falou anteriormente, que é o primeiro espetáculo do grupo oficialmente assim, e é o espetáculo que está mais vivo, né, porque a gente vai encontrando essas ranhuras, essas fissuras, que faz com que a gente repense o quê que a gente tá comunicando, de que forma a gente tá comunicando e pra quem a gente tá comunicando. E a partir desse riso, né, dessa reflexão... A partir do riso causar uma reflexão. Então, eu acho que foi mais ou menos assim que a gente foi pensando, inclusive, as letras das músicas foram transformadas no decorrer da história do espetáculo, né?! Então a gente tinha assim, “ah então a gente vai ficar reproduzindo aqui esse padrão hétero normativo?”, ou dentro da própria história, né, “ah a gente tá falando isso”... Tem uma cena que é muito interessante, que eu acho que foi a última que a gente mudou, a mais recente que a gente alterou, que era assim: “o que é sororidade?”, que a gente falava “ah, sororidade é quando as mulheres se ajudam mutuamente independente das diferenças”. E depois a gente repensando o feminismo, Vê trouxe a questão também, né: é independente das diferenças?, não! É considerando as diferenças! Porque a gente sabe que dentro do feminismo existe uma diversidade. Dentro desse universo de estudos a gente tem essa diversidade. Então, o feminismo, ele é plural, porque nós não somos iguais, né, enquanto feministas, mulheres ou pessoas trans. A gente tem nossas singularidades, as nossas dificuldades diante da sociedade, e de como a gente traz isso pra criar uma comunicação mais horizontal, uma relação mais horizontal. Não uma relação de poder ou de subserviência, ou de como a gente pega e trata isso de forma mais equânime mesmo, considerando as diferenças. Acho que é isso.

Vocês acreditam que conseguem conscientizar as pessoas através das

suas atuações? Quais os valores vocês consideram importantes? – não sei se valores também é a palavra certa... Aqueles que vocês colocam nos espetáculos, os ideais, talvez. E como é que vocês escolhem esses ideais, esses valores, pra alcançar esse objetivo em cena?



Kelly Lima (palhaça Greice), Tatá Oliveira (palhace Augustine) e Verônica Mello (palhaça Úrsula) no espetáculo *Concerto em Cores*, em 2022. Foto: Karime Xavier.

Verônica - Essa pergunta é interessante porque ela vem de um lugar que, assim, a gente sonha que a gente consegue, porque a certeza absoluta a gente nunca vai ter. A gente acredita mesmo, assim, a gente tem *feedbacks*, né, que fazem a gente entender que sim, chega, mas não chega talvez em todos os lugares que a gente gostaria. E eu acho que isso é uma questão de tempo, de insistência, de persistência, de falar de novo, de repetir, de a pessoa ver de novo no canal. Aí ele vê a peça, depois ela ouve a música, aí ela vai entendendo, vai caindo a ficha, né?! É um processo. Eu acho que a transformação da sociedade, a gente acredita numa palhaçaria que tem um olhar político no seu fazer, né, por isso ela é feminista. Porque o feminismo é uma ação política na sociedade, no mundo. É uma forma política de ver o mundo. Política no sentido de reflexões sobre a

existência na sociedade. De como a sociedade se estrutura. E não tô falando no sentido partidário, quando se fala em política, a gente tá falando de política, que toda nossa ação é política. A arte é política. Mesmo que ela se diga apolítica, ela está sendo política ao dizer: “ah, mas eu só quero divertir”. Está sendo política. Está usando a política apenas da diversão, que é importante? É importante. Agora tem que ver o que é que tá por trás dessa diversão. A gente quer divertir também, por isso a palhaçaria, se não a gente escolheria, sei lá, fazer drama, que é importante também, adoro! E tava até falando sobre isso outro dia, que eu adoro fazer drama. Porém, a palhaçaria tem um acesso, ela acessa as pessoas de um lugar que é empático. Então eu acredito que falar sobre essas coisas que a gente fala, a partir da palhaçaria, já ganha, a gente já ganha na relação, dez pontos, dez casas! Caminha dez casas. Porque as pessoas falam “ah palhaça, que fofa!”, beleza, “ah, que fofa a palhacinha!” – ainda falam “palhacinha”, dá vontade de... né! (faz menção de bater). Legal! Oh lá, já chegou perto, gostei, vi minha infância... Me vi na infância! Principalmente nós adultos – tô falando de adulto aqui. Me vi na infância, me vi naquele meu sonho, naquele lugar de fantasia. Não necessariamente me vi na temática, mas me vi ali. Me identifiquei naquelas figuras, né?! Primeiro ponto. Em termos de, o que eu quero falar, eu tenho que me identificar com a pessoa pra poder me conectar. Senão, não adianta! E aí, aos poucos, né?! A peça, eu acredito que na nossa dramaturgia a gente vá criando ela de um jeito que ela vai estabelecendo essas fricções no tempo da própria dramaturgia. E aí, muitas vezes, por exemplo, quando a gente fez o Estupendo – é uma fala que eu não esqueço – são feedbacks que a gente escuta, né, além, obviamente. O nosso público, quando a gente vai ver na internet, é um público majoritariamente feminino, de mulheres cis, a maioria do nosso público, quando a gente vê assim nas estatísticas. Se bem que o Instagram não pergunta se você é uma pessoa trans, então não tem como a gente ter certeza disso. Tô dando um exemplo aqui.

Tatá - E não tem nem espaço pra você dizer se é não binário!

Verônica - É, jamais terá... “você tem trinta pessoas não binárias que te seguem”, né, porque eles não fazem essa estatística. E as falas das pessoas mulheres cis são muito fortes pra gente, elas realmente chegam na gente com



força, assim. Aí a gente consegue ouvir, em alguns momentos de encontro, como que você vai desconstruindo isso em outras pessoas que estão menos preparadas pra essa desconstrução, porque estão num lugar de poder. Pessoas ditas homens cis, por exemplo. Então, a gente teve a experiência do *Estupendo*, que a gente ouviu de um cara, que é pai de um homem cis, que veio falar com a gente assim: “nossa, obrigado por vocês terem falado isso. Eu ponho músicas pra minha filha ouvir e eu nunca tinha prestado atenção nisso que vocês estavam falando. Agora eu vou pensar mais o que eu vou por pra essa criança ouvir, porque é importante o que vocês estão fazendo”. E ele veio todo assim falar com a gente. Ele queria falar com a gente isso. Falou “obrigado por isso!”. Ou, até mesmo esse cara que a gente deu o exemplo anteriormente, né, que faz uma piada tão misógina, tão absurda ali, “ah, mata elas”, mas depois de toda a reação do coletivo público, que se empodera do que a gente tá fazendo, ele vem pedir desculpas! Alguma coisa aconteceu nessa cabeça dessa pessoa, né?! Ele vai rever pra falar em outro lugar...

Tatá - A gente espera, né! (risos).

Verônica - É, eu sou sonhadora, assim. Eu acredito que sim! Porque ele veio. Não é fácil pra um cara, homem cis, piadista. Porque eu não acho que ele pense isso. Ele quis ser engraçadinho! Alguma coisa no universo dele pensa, mas não acho que ele pense assim, que ele queria realmente que a gente morresse no sentido literal. Mas essa pessoa que tem essa abertura pra fazer essa piada, ela não vai ter a humildade de pedir desculpas se realmente algo não bateu dela, né?! Eu acho assim. A Kelly deu um outro exemplo também que eu achei legal, sobre o que gente tava pensando, sobre coisas que a gente escuta, mas eu não lembro qual é! (risos).

Kelly - Foi uma apresentação que a gente fez, que uma mulher também esperou até o final pra vir falar, ela estava extremamente emocionada, assim, era a música do cravo e a rosa, que a gente desconstrói, e essa é uma música que fala de violência, muito forte, assim, e ela veio super emocionada, falando: “Olha, eu era essa Rosa. Eu me vi nessa música aí. E obrigada por vocês terem mostrado uma possibilidade de reconstrução”. Porque a Rosa sai despedaçada mesmo e como que ela se reconstrói aí, dentro desse universo que destrói as rosas o tempo todo eninguém faz nada, né? Ninguém mete a colher, ninguém liga 180, não sei



quê... que é mais ou menos essas falas que a gente traz. Eu acho que essa daí foi muito marcante e uma outra que foi do espetáculo *Choque Rosa*, que veio um cara também, que tava com uma criança – menina possivelmente, dentro de uma construção social – e ele veio falar que o espetáculo tinha mexido muito com ele, e que ele ia começar a pensar a respeito da relação que ele tem com as mulheres. Com a mãe, com a companheira, com a filha, etc. Porque ele se viu muito sendo o monstro do patriarcado que a gente traz na história, que é esse cara que tá sempre subjugando a mulher e tentando encaixar ela dentro de um padrão. Ditando regras de como ela deve se comportar dentro do espaço privado ou no espaço público. Eu acho que tem, assim, tem os feedbacks, os retornos também das redes sociais, tanto nos comentários dos vídeos que a gente publica no *YouTube*, quanto no próprio Instagram, no *Facebook*... o que as pessoas, como que isso bate nas pessoas, como elas sentem, e o que elas trazem pra gente ali naquele ambiente mais virtual, que também é um reflexo. A gente também consegue entender. Então é isso que Vê falou. Talvez eu não chegue em todas as pessoas, mas o que chegafaz uma diferença, assim. Dá um quentinho no coração de saber.

Verônica - Só uma coisa, assim, eu acredito que a arte toca. Ela de alguma forma, e acho que é um trabalho de formiguinha, é um trabalho contínuo de formiguinha, então assim, em termos de temáticas que você pergunta, “quais são os pontos que a gente toca?”, a gente toca em vários pontos que são importantes. E todos eles por algum momento passam por nós, né. Passam por nós! O que nos passa. O Larrosa (2002) fala que a experiência é aquilo que passa por nós, não aquilo que a gente passa. Passa dentro da gente. Então, muitas vezes as coisas que a gente vai trazendo são as coisas que nos tocam, nos passam, que fazem parte da nossa experiência. E por isso que a gente vai se transformando e os espetáculos vão se transformando também. Então, por exemplo, sei lá, a gente tem temáticas de violência doméstica, a gente tem a questão da homofobia, lesbofobia, a gente tem as questões de gênero, que a gente tá questionando. Não só de gênero feminino, que às vezes é considerado... questão de gênero mesmo. Transgeneridade, a gente começando a pensar sobre isso na palhaçaria. Ainda começando a engatinhar nesse pensamento da não-binaridade dentro da



palhaçaria também, tem a questão do lugar estabelecido, construído para o ser que nasce e é instituído como mulher, nesses corpos que são instituídos como mulher que somos nós, mesmo que não sejamos. Somos instituídes quando nascemos. E quais são as cargas que a gente tem que se vestir, ou que vestem a gente desde pequenes? Então, quando a gente tá ali na barriga, né, tem o *Chá de Revelação*, uma cena nova que a gente criou online, que ela vai se desenvolver mais ainda, que a gente apresentou aí dentro de uma mostra. Quando a gente, desde pequena, já falam pra gente é menino ou é menina? Ah, quem sabe, gente? Quem sabe quem vai ser a pessoa? É uma pessoa! Então, isso é um tema que está nos tocando, a questão da sexualidade, das nossas... e aí somos nós, né?! Nós enquanto nossas vivências, assim, e o quanto a gente observa do mundo também. O que nos provoca? O que nos incomoda? O que nos incomoda a gente acaba transformando em dramaturgia. Em arte, pra tocar outra pessoa.

Tatá - Em arte... pra sobreviver! (risos).

Verônica - Total!

Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.19, 20-28, 2002.

BRUM, Daiani. Mulheres palhaças e a política uterina de expansão: entrevista com Karla Concá. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.3, n.33, p. 455-468, 2018.

Recebido em: 30/01/2023

Aprovado em: 25/03/2023



A palhaçaria feminista do Circo di Nem SóLadies
Entrevista concedida a Fernanda Dias de Freitas Pimenta

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br